

## **Angola Janga:** a circulação crítica de uma história de reconhecimento

### ***Angola Janga: critical circulation of a history of recognition***

Ercio Sena<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras e Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, foi chefe do Departamento de Comunicação Social e coordenador do Colegiado de Coordenação Didática. Atualmente é professor na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação nessa universidade. Tem mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erciosena@gmail.com.

**Resumo** Este artigo visa discutir a política de reconhecimento na circulação crítica de *Angola Janga – Uma história de Palmares* (2018). O trabalho explora a repercussão em torno da obra em quadrinhos, que retrata a resistência das populações escravizadas na reconstituição da história do Quilombo dos Palmares. Ao fazer uma incursão no passado e propor uma narrativa de protagonismo do povo negro, o trabalho é considerado uma atitude crítica, pois emerge no momento em que o discurso racista embala a ascensão das forças de extrema direita. A recepção e circulação da história em quadrinhos será orientada pela política de reconhecimento, não apenas porque esta é uma intenção explícita de seu autor, mas também pela importância que a temática adquiriu no Brasil nos últimos anos.

**Palavras-chave** Angola Janga, circulação crítica, reconhecimento.

**Abstract** This study aims to discuss the policy of recognition in the critical circulation of *Angola Janga – Uma História de Palmares* (2018). This study explores the repercussions around the work in comic book form that portrays the resistance of enslaved populations in the reconstitution of the history of Quilombo dos Palmares. By making a foray into the past and proposing a narrative of the leading role of Black people, the publication is considered as having a critical attitude as it emerges at a time when the racist discourse cradles the rise of extreme right-wing forces. The reception and circulation of comics will be guided by this recognition policy not only because this is its author's explicit intention, but also because of the importance the theme has acquired in Brazil in recent years.

**Keywords** Angola Janga, critical circulation, recognition.

*Angola Janga – Uma história de Palmares* (2017) é uma obra em quadrinhos que narra parte da história do quilombo mais conhecido do Brasil. Ambientada no século XVII, a história avulta processos de resistência das populações afrodescendentes no período colonial. Resultado de detalhada pesquisa empreendida por Marcelo D'Saete, o trabalho retoma aspectos centrais do protagonismo e da resistência das populações escravizadas. Depois de lançar *Cumbe* (2014), D'Saete reforça, com mais uma obra, seu objetivo de

iluminar um passado intrépido das lutas por emancipação, assim como de entregar às novas gerações, que lidam com o racismo, motivos para trabalhar a autoestima. Este artigo considera esse trabalho muito importante, e abordará como a discussão em torno da política de reconhecimento, evocada pela obra, atravessa sua circulação crítica.

Ao retomar uma narrativa esperançosa da resistência negra, a obra se insere contra crenças de inspirações racistas. Lançada no ano em que a extrema direita conseguiu eleger Jair Bolsonaro, o combate ao racismo ganhou um alento com a publicação da obra, despontando possibilidades auspiciosas. Num país marcado por mais de três séculos de escravidão, diferentes formas de racismo atravessam as relações sociais. Elas estão presentes nos sistemas educacionais, prisionais, judiciais e nas oportunidades de trabalho, passando por piadas e insultos preconceituosos, até o racismo velado, cujo objetivo é desvalorizar a maior parte da população brasileira identificada como negra e parda.

No Brasil, as formas de discriminação e opressão baseadas na cor da pele, etnia e origem cultural são processos que vêm, desde a colonização, marcando as estruturas sociais hierarquizadas. O trabalho cultural de D'Saete, embora voltado para o passado, é uma intervenção coetânea que ilumina a importância de ações afirmativas, de leis e de políticas públicas que abrandem os efeitos do racismo no país, visando a igualdade racial. Nesse sentido, o gesto do autor é entendido como uma atitude crítica que faz circular um importante debate em torno das formas de reconhecimento.

Para Foucault (1990), a atitude crítica se funda no permanente exercício de questionamento das relações de poder, desvelando a presença dessas práticas na vida social. A crítica atua, assim, no desafio e na transformação de dinâmicas reprodutoras de opressão e assimetrias, servindo para questionar verdades e normas estabelecidas com as quais não é mais possível conviver. A crítica reflete o contexto em que ela ocorre, dando-lhe feições de forma e conteúdo. É também confrontativa, empenhada em desconstruir os fundamentos de uma concepção naturalizada do mundo e de práticas humanas. Conforme Foucault, a crítica, em sua origem, contestou a solidez de um mundo visto pelo crivo das escrituras sagradas. E foi aí que ela abriu caminho para que novas interpretações fossem propostas. A crítica, reivindica, portanto, um novo tratado sobre as coisas, a substituição de uma realidade afrontada em seus fundamentos.

Hodiernamente, a crítica no mundo midiático segue desafiando instituições, normas e práticas sociais em sua dimensão comunicativa, presente na cultura, nas artes, nos negócios, na política e na formação. Distinguir a importância da comunicação não é algo apenas para os especialistas, uma vez que os recursos de publicização da vida social se alastram e ganham amplo domínio público, afetando diversos campos sociais. Diante disso, a escolha pelas histórias em quadrinhos é uma imersão no mundo da cultura midiática com pretensões críticas e formadoras.

Surgida no final do século XIX como meio de comunicação de massa nos Estados Unidos, as histórias em quadrinhos (HQ) foram negligenciadas durante algum tempo como produção artística cultural. Como produto da indústria cultural, as HQ eram uma forma de comunicação bastante acessível e amplamente consumida, principalmente pela juventude. Em uma apreciação reducionista, elas foram consideradas fúteis e julgadas apressadamente como deseducativas (GONÇALO, 2004). Assim como o cinema, o quadrinho foi encarado, inicialmente, como prática marginal e prejudicial à formação dos estudantes, conforme apontam Alan Costa e Edson Silva (2014). A visão negativa se modifica a partir da percepção dos educadores sobre o potencial pedagógico que eles poderiam representar. Ao retomar referências de apropriações não ideológicas dos quadrinhos, os autores destacam o papel crítico desses produtos, principalmente daqueles que insurgem a partir da década de 1960:

Os quadrinhos *underground* são fruto de uma cultura que emergiu na década de 1960 trazendo a anarquização de valores defendidos pelos mais tradicionais, indo no sentido oposto da *mainstream culture*. Criados em 1968 por Robert Crumb, o primeiro quadrinho *underground*, a Zap Comics, surgiu em pleno auge do movimento hippie, como uma das porta-vozes da contracultura. (COSTA; SILVA, 2014, p. 28)

Em tempos recentes, esse debate avançou muito entre pesquisadores e educadores, mostrando que o uso dos quadrinhos pode resultar em uma rica experiência pedagógica. Os quadrinhos brasileiros também se destacam no trabalho dos autores, que mostram o papel deles, por exemplo, na luta contra a ditadura militar. Com perfil satírico e cômico, essas obras tiveram papel essencial na coesão democrática, orientando críticas principalmente ao poder político, tendência observada também em produções mais recentes. O trabalho crítico sobre o uso dos quadrinhos explora possibilidades de expansão de sentidos propiciada

por essa mídia. Com alto potencial desconstrutivo de modelos naturalizados, o quadrinho pode ser usado como recurso aberto à interpretação e à crítica da realidade social.

No trabalho de D'Salete, o quadrinho celebra a luta coletiva do povo negro, articulando possibilidades de difusão social, cultural e objetivos políticos. Ao propor uma visão em quadrinhos sobre a escravidão no Brasil, D'Salete se insere na cultura midiática, reelaborando criticamente a história oficial. Mostra que nessa cultura, atravessada por interesses do mercado, há também outros usos possíveis, permeáveis, por exemplo, às lutas coletivas e à busca por reconhecimento. E é nessa segunda seara que o trabalho de Marcelo D'Salete se insere.

A narrativa elaborada em *Angola Janga* faz parte de esforços afirmativos e, ao mesmo tempo, subversivos de reinterpretação de uma época, construindo uma leitura dissonante sobre práticas e táticas subalternizadas na historiografia oficial. D'Salete, como veremos, agencia novas concatenações sobre os registros históricos, agora interpelados pela perspectiva de uma coletividade que atua criticamente nessa realidade, colocando em destaque uma política de reconhecimento.

### **A questão do reconhecimento**

A teoria proposta por Axel Honneth (2003) trata da importância do reconhecimento na formação das identidades individuais e coletivas, fundamentais para a construção de relações sociais justas e democráticas. Para o autor alemão, o reconhecimento pode ser entendido como uma interação social que envolve reconhecimento de si e do outro.

O reconhecimento do outro se refere à valorização das particularidades e diferenças de cada um, além da aceitação mútua e do respeito pelos direitos e necessidades de todos os indivíduos. O reconhecimento de si diz respeito à condição de ter suas competências, potencialidades e habilidades valorizadas socialmente. Buscamos reconhecimento das contribuições que oferecemos à coletividade. Para que uma sociedade seja minimamente justa e democrática, é importante que haja reconhecimento mútuo entre indivíduos e grupos sociais, permitindo o desenvolvimento de relações solidárias.

A teoria do reconhecimento, proposta por Honneth, sustenta que na *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1995), e na *Teoria da ação comunicativa*, proposta

por Habermas, vigora uma compreensão na qual não existe forma de mediação entre as estruturas dominantes, totalizadoras, e o processo de socialização dos indivíduos. Honneth entende que tal concepção traz consigo um “déficit sociológico” para Teoria Crítica, que ele propõe suprimir com a “Teoria do Reconhecimento”, recuperando, entre outros autores, o pensamento de Hegel e Mead. A teoria do reconhecimento irá contemplar a ação dos indivíduos como mediação entre esses dois polos. Honneth aponta em seu modelo três padrões de reconhecimento intersubjetivos necessários à ação social: o *amor*, que envolve as ligações afetivas, presentes na sociabilidade primária, o *direito* e a *estima social*.

Em uma breve síntese, pode-se dizer que as ligações afetivas, percebidas na dedicação emotiva, tornam-se a base para o indivíduo desenvolver sua confiança. Essas relações ocorrem em pequenos círculos, favorecendo vínculos afetivos de natureza familiar, entre pais e filhos, de amizade ou de relações eróticas. Trata-se, na leitura que Honneth propõe sobre o trabalho de Hegel, de uma etapa fundamental, na qual os sujeitos se confirmam mutuamente como seres incompletos, carentes uns dos outros. O reconhecimento age aí positivamente para estimular e encorajar atitudes afetivas que resultarão em autoestima. Em outra etapa diferente, porém interdependente – e articulada à primeira –, encontra-se o direito como um tipo de reconhecimento que, embora também pertença à esfera da interação, se diferencia das relações afetivas da socialização primária. Por esse padrão, o indivíduo precisa usufruir de direitos para assegurar sua participação na vida social. No entendimento do autor, “[...] um sujeito é respeitado se encontra reconhecimento jurídico não só na capacidade abstrata de poder se orientar por normas morais, mas também na propriedade concreta de merecer o nível de vida necessário para isso” (HONNETH, 2003, p. 193).

O direito, tomado como um tipo de reconhecimento universal não pode ser concebido como uma relação ligada às emoções. Trata-se de uma operação que parte de uma razão cognitiva, que impõe limitações às sensações afetivas. Portanto, ele deve ser “[...] desligado dos sentimentos de simpatia e afeição [...]” (HONNETH, 2003, p. 182).

Articulado ao amor que desenvolve a confiança, presente na socialização primária, e à condição de portador de direitos, há ainda a solidariedade e a estima social, por meio das quais os sujeitos são respeitados por determinadas propriedades específicas que os caracterizam. A questão da estima social se relaciona com o modo como se constitui o

sistema valorativo de uma determinada coletividade. Enquanto no direito os indivíduos são reconhecidos pela afirmação da igualdade de todos, no terceiro padrão (estima social) eles são reconhecidos em suas diferenças pessoais. Para que essas diferenças sejam expressas e aceitas, esses sujeitos desenvolverão, a partir da autocompreensão cultural da sociedade, referenciais para criarem formas coletivas de julgarem e legitimarem suas capacidades e valores.

Segundo Honneth, o desrespeito ou a privação dessas formas de reconhecimento podem impulsionar as lutas pela sua conquista. A negação deste pode vir sob a ausência de direitos elementares, constituindo situações de subcidadania, ou podem ser provenientes de ofensas que rebaixam o indivíduo moralmente a condições inaceitáveis, apresentando uma ameaça para sua expressão digna na vida pública.

Pretensões jurídicas recusadas, por exemplo, podem ferir expectativas, sendo necessário restituir a positividade dessa experiência na busca de uma real universalização do direito, capaz de comportar os atores lesados. Esses processos podem estar presentes nos conflitos hodiernos da vida social, mas também nas formas habituais de narrar o cotidiano nos meios de comunicação e na história, não raramente negando-se os valores e a estima social de determinados grupos. Nesse sentido, as marcas dos processos escravagistas, tratadas na obra de D'Saete, destacam memórias desse período, propondo imagens dissonantes de uma paisagem colonial, revisitada por um gesto de reconhecimento. Ela se orienta pelo resgate de reminiscências, que afirmam a consciência do próprio valor de uma coletividade, mesmo nos tempos mais adversos. Trabalhada no contexto contemporâneo, a HQ se soma a outros instrumentos de luta política e cultural.

### **Descolonizando a história: resistências de Marcelo D'Saete**

*Angola Janga* conta a história da resistência quilombola liderada por Zumbi dos Palmares, no século XVII, período colonial brasileiro. No trabalho, destaca-se a luta dos negros e negras no Brasil contra a escravidão e a opressão, apresentando uma abordagem original e necessária do tema.

Em um momento crucial da vida política do país, quando narrativas depreciadoras dessas lutas tentaram se impor, *Angola Janga* representou uma forma insurgente de relato,

contrapondo crítica e artisticamente as falas oficiais em circulação no país. A obra destacou a coragem e determinação dos quilombolas na luta por sua liberdade e autonomia, afirmando novas formas de reconhecimento.

A trajetória do autor é fundamental para explicar sua inserção nas lutas afirmativas, bem como a escolha pela forma artística de sua obra. O investimento de contar essas histórias na linguagem dos quadrinhos significou, para ele, a possibilidade de, por meio de uma mídia predominantemente visual e de grande circulação entre jovens, aproximar ainda mais o relato de outras realidades contemporâneas. Crescido e formado sob a influência cultural e crítica do *hip hop*, D'Salete acredita que as mazelas do cotidiano brasileiro têm relação direta com o passado escravista.

No seu entendimento, é necessário compreender que esse passado “[...] está diretamente ligado à matança desenfreada de jovens negros na periferia e também à ausência, muitas vezes, de pessoas negras na política ou [em] certos cargos em empresas ou profissões” (D’SALETE, 2018). D’Salete recusa esse quadro de desumanização das vidas negras – matáveis e sem direitos – e expõe a discriminação a que elas seguem expostas.

O pertencimento e a experiência vividos nessa coletividade fazem com que os sentimentos de lesão do grupo se tornem a base motivacional para que D’Salete articule um quadro interpretativo diverso sobre a história da resistência negra. A ancestralidade do autor o leva, por meio desse trabalho, a promover a coletividade a que pertence, construindo novas formas de visibilidade e existência nos relatos sobre a história do Brasil. Seu trabalho se apresenta, assim, como um reforço para suplantar a sistemática invisibilidade a que estão submetidos na vida social e nas representações culturais.

D’Salete recebeu vários prêmios por suas obras, incluindo o Prêmio Jabuti de Melhor História em Quadrinhos de 2018, por *Angola Janga – uma história de Palmares*. Reconhecido também por outros trabalhos, o autor recebeu o Prêmio Eisner de Melhor Publicação Internacional em 2018, por *Run for it: Stories of Slaves Who Fought for Their Freedom*, e o Prêmio Grampo de Ouro de Melhor História em Quadrinhos em 2014, por *Cumbe*, outra publicação inspirada em motivações similares ao trabalho de *Angola Janga* (O QUADRINISTA, 2021).

Marcelo D’Salete atua, ainda, como professor na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, trabalhando com alunos do ensino fundamental. Ciente da importância



do seu trabalho, o autor se sente à vontade de trabalhar com as novas gerações. A escolha da profissão reflete a necessidade de discutir temas que ele considera relevantes para a formação dos estudantes. Suas aulas são elaboradas em consonância com seu trabalho artístico, não abrindo mão dos quadrinhos para pensar a história e a relação com os jovens adolescentes. “Nós estamos num mundo de imagens e precisamos aprender a decifrá-las. E eu acredito que a escola é algo fundamental para fazer isso com as novas gerações e as histórias em quadrinhos colaboram com isso” (O QUADRINISTA, 2021). A contribuição do autor não se restringe apenas à sua atividade docente. Desde setembro de 2018, seus livros *Cumbe* e *Angola Janga* foram aprovados no Plano Nacional do Livro Didático Literário e, em 2019, foram adotados no ensino médio da rede pública.

D’Saleté demonstra inconformismo com o tratamento dado pelas escolas à resistência negra na história do Brasil. O autor destaca outros trabalhos, como, por exemplo, o de Moya e Moura (1995) como esforços anteriores de reescrever a história de Palmares. O trabalho desses autores, embora tenha sido reeditado pela Prefeitura de Betim, para homenagear a história de Palmares por ocasião dos 300 anos da morte de Zumbi, não alcançou uma percepção mais ampla no plano nacional.

Logo que esses trabalhos se tornam disponíveis nas escolas brasileiras, servindo como suporte à formação das novas gerações, narrativas diametralmente opostas emanaram do discurso oficial. À frente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, indicado pelo então presidente Bolsonaro, desferiu diversos ataques aos movimentos negros. Em suas incursões no debate político, negou a existência de racismo no Brasil, afirmando que a escravidão foi benéfica para os descendentes de africanos; chamou o movimento negro de “escória maldita” e de “vagabundos”; referiu-se a Marielle Franco, ex-vereadora assassinada no Rio de Janeiro, como um “cadáver comum”; criticou personalidades negras como Jorge Bem Jor e atacou ações afirmativas, reiterando a negação da existência de discriminação racial no Brasil.

Diante desses posicionamentos, e com a consequente extinção do Ministério da Igualdade Racial, é evidente que a questão racial no Brasil não seria sequer tratada como um problema no governo Bolsonaro. Contudo, mesmo em um cenário adverso em 2018, a obra foi recebida como uma grande contribuição crítica aos processos educativos, fazendo circular um importante debate em torno das lutas por reconhecimento.

### **A circulação crítica da *Angola Janga***

Um dos aspectos que favoreceu a circulação do debate proposto em *Angola Janga* é o contexto da midiatização. Autores que se voltam para esse fenômeno mostram que os meios são responsáveis por uma nova configuração da sociedade. As interações sociais, conforme José Luiz Braga (2012), ocorrem preferencialmente por meio da mídia. Isso implica que todas as áreas da sociedade desenvolvem possibilidades de criticar, apreender e pensar os processos midiáticos.

Lucia Santaella (2003), mostra que os processos comunicacionais colaboram não só para moldar o pensamento e a sensibilidade, mas propiciam um novo ambiente cultural. A midiatização se refere ao processo pelo qual os meios de comunicação se tornam mais intensos e influentes em todos os aspectos da vida social, política, econômica e cultural. Reflete, portanto, o papel central da mídia na construção e disseminação de ideias, valores, práticas e representações. No esteio dessa cultura, as dinâmicas midiatizantes estimulam os modos de agir da sociedade, influenciando a forma como ela se comunica e se organiza. Com pequenas variações, diferentes autores trabalham com esse conceito para destacarem a importância da cultura midiática como forma de interação que afeta o conjunto da sociedade e suas instituições. Novas formas de interação são acionadas, favorecendo a percepção sobre o sistema de circulação interacional que vai além do mero encontro entre o emissor e o receptor. A midiatização permite, ainda, a proliferação e a diversificação de discursos que circulam em ambientes diferentes e mais amplos, conforme o poder de afetação que eles desenvolvem.

Um importante aspecto em torno dessa concepção é o caráter ativo do receptor, destacado por Braga (2012), para compreender o sistema de circulação na apropriação das produções culturais midiáticas. É na circulação que “[...] produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento”. (BRAGA, 2012, p. 39). Nesse sentido, produção e recepção são afetadas no ambiente criado pela midiatização. Entretanto, as condições de circulação de um produto midiático vão além de uma relação direta entre produção e consumo, pois é a partir daí que ocorre um processo de reverberação e conversação social decorrente dessa interação. Num constante fluxo adiante, ocorrem debates muitas vezes orientados pela polêmica, fazendo com que ele seja difundido e

ampliado no sistema de circulação social. É nesse sentido que percebemos a força do trabalho de D'Salete a partir das condições de sua recepção.

As formas circulantes na imprensa e em outros campos, referenciados num processo interacional de referência, circunscreveram a obra nos embates das lutas por reconhecimento. A circulação torna-se, então, uma das principais atividades, uma vez que ela não só reorienta a produção, mas também coordena diferentes formas de respostas sociais em torno da mídia. Na situação observada, o trabalho articula uma clara confrontação cultural com a nova perspectiva institucional representada pela emergência do bolsonarismo. A vitalidade com que esse debate ascende na cobertura midiática saúda sua política de reconhecimento, também porque essa temática se tornou uma das questões mais relevantes do debate social nos últimos anos. A seguir, traremos algumas das formas de recepção e circulação de *Angola Janga* em diferentes meios, inseridos no contexto de cultura midiaticizada. Eles serão responsáveis por orientar apropriações e ângulos interpretativos destoantes do discurso oficial.

Logo que os trabalhos de D'Salete foram aprovados no Plano Nacional do Livro Didático Literário, eles foram considerados fundamentais para compor a formação dos estudantes, uma vez que ampliam o universo das versões sobre a escravidão e a discriminação racial no Brasil e afirmam valores do povo negro no país. De acordo com site do Geledés – Instituto da Mulher Negra, a iniciativa cumpriu papel determinante na educação, pois além de ser “[...] um importante instrumento no tratamento de temáticas transversais a variados campos do conhecimento, as histórias em quadrinhos podem atender simultaneamente a diversos objetivos de aprendizagem” (NALIATO, 2019).

Reconhecido pela qualidade do trabalho histórico, *Angola Janga* é destacado por Vanessa Spinosa (2023) como uma oportunidade de acesso a excertos de documentos do Conselho Ultramarino, produzidos no final do século XVII, além de cartas que atestam a resistência e religiosidade de seus protagonistas. Para a historiadora,

O capitalismo está na base dessa relação, na matriz da escravização dessa força de trabalho. Tanto patriarcado como a racialização e o racismo estruturam até hoje as nossas formas de ver e de interpretar a história atual do Brasil e *Angola Janga* é um convite à resistência a esses elementos. Ela demonstra que a liberdade, no sentido mais vibrante da palavra, pode ser realmente praticada se nós agirmos unidos e organizadamente. (SPINOSA, 2003)

Em *Angola Janga*, as abordagens ligadas às questões de reconhecimento foram determinantes nos veículos informativos em que o trabalho foi avaliado. Entendemos que lutas anti-opressão, muitas vezes enquadradas como identitárias, têm sido cada vez mais incorporadas pelas narrativas midiáticas (em filmes, telenovelas, séries televisivas e também nos quadrinhos), e que essa política se tornou também valorosa para a crítica, conforme destaca Márcio Serelle (2019). Na observação do autor, “[...] o reconhecimento tornou-se, mais que chave para leitura de algumas obras, valor para apreciação delas” (SERELLE, 2019, p. 12). Recusam-se, hoje, em parte significativa da produção e da crítica midiáticas, estereótipos e outras formas de violência simbólica, e valorizam-se proposições de representação ativa de grupos social e culturalmente espoliados. Podemos considerar, então, que o estágio atual das lutas por reconhecimento é substrato do qual emergem ficções que, históricas ou não, propõem representações consideradas mais adequadas e justas pelos grupos reivindicantes.

No trabalho realizado em torno do filme *Pantera Negra*, Serelle recupera essa narrativa, protagonizada por um super-herói negro em um quadrinho da década de 1960, destacando como ela projeta personagens que, postas em circulação na cultura midiática, contribuem para a autoestima de um grupo. Evidentemente, essa atitude programática não escapa a D’Salette: “Hoje existe uma exigência para que esses grupos [negros e indígenas] falem de sua história. [...] As pessoas estão tentando fazer parte do espaço público e da discussão sobre as obras” (D’SALETE citado por SABOTA, 2017). Desse modo, o trabalho de D’Salette pode ser recebido no esteio dessa articulação entre narrativa e reconhecimento.

As fissuras do movimento de resistência em Palmares, trazidas de modo complexo pela obra, deixam dúvidas em relação ao comportamento dos insurgentes, às intrigas e ações dos grupos subordinados, atentando-se também para suas divisões e percalços na luta contra a escravidão. Contudo, se a atual narrativa sobre Palmares expõe desarticulações e dissidências, ela não perde de vista o compromisso com atitude iconoclasta em relação ao poder da época, desafiando a narrativa do heroísmo bandeirante.

Palmares era uma comunidade altamente militarizada, até porque frequentemente seus indivíduos eram desafiados a defenderem o território e a se manterem independentes do poder colonial e do julgo da escravidão. As personagens criadas refletirão essas

tensões sem idealizações, desnudando também o complexo esforço de organização da resistência do quilombo, num contexto altamente adverso, mas não inelutável. As tramas para enfraquecimento da resistência são trazidas, destacando-se a divisão entre os palmaristas que, em parte, buscaram acordo com o poder colonial, separando-se dos que optaram por resistir na defesa do povoado. Percebe-se que o papel das lideranças nesse processo é reconhecido, mas o autor opta por não omitir suas incongruências. O comportamento desses personagens é descrito par e passo às complexidades e contradições inerentes a essa realidade.

O título da matéria da *Revista Cult* irá ressaltar esse aspecto: “Graphic novel ‘Angola Janga’ é retrato de Palmares sem idealização” (D’ANGELO, 2017). Embora aponte para as ambiguidades que advêm do trabalho, o faz de modo a minimizá-las diante do enaltecimento da iniciativa, que busca valorizar e reconhecer a força dos quilombolas, confirmando as expectativas do autor.

[...] os bandeirantes preparavam-se para ir embora e comemorar a vitória – todos, menos Domingos Jorge Velho, conhecido por sua crueldade. A um padre que acompanhava a expedição, ele afirmou que os quilombolas fugidos tinham de ser capturados, sem exceção. “Você ainda não entendeu, padre. Cada um deles é muito mais que apenas um” [...] são verificáveis não só a frieza dos bandeirantes e sua violência na tomada dos Palmares como também sua percepção de que os mocambos eram mais do que simples esconderijos – eram espaços de resistência. (D’ANGELO, 2019).

Em geral, as abordagens trazidas sobre *Angola Janga* destacaram os aspectos culturais<sup>2</sup> e a contranarrativa negra ao discurso hegemônico e aos costumes, além de exaltarem o esforço de concorrer com a historiografia, valorizando aspectos afirmativos, caros à Teoria do Reconhecimento. Em entrevista com o autor, a revista *Carta Capital* caracteriza o trabalho como “um tema importante para a afirmação da população negra, pobre e quilombola no atual cenário de ataques às minorias” (D’SALETE, 2017c).

A par da saudação ao empenho contra-hegemônico, segue, ainda, o elogio sobre o esforço e a qualidade da narrativa, destacando-se o rigoroso trabalho histórico que

---

2 Em matéria para o site da Quinta Capa (Aurélio, 2019), a obra será destacada como esforço de pesquisa focado na resistência negra do Brasil colonial. Além de valores contra-hegemônicos, serão explorados, na entrevista com o autor, aspectos estéticos e outros significados de símbolos trazidos por *Angola Janga*.

sustenta a nova perspectiva de representar o quilombo. “[...] obra de 432 páginas é fruto de um processo de pesquisa que durou ao todo 11 anos. Nesse período, o autor paulista se debruçou sobre documentos, em textos e imagens [...]” (TERTO, 2017). “Com 432 páginas, o livro é um impressionante romance histórico calcado em fatos sobre o mais conhecido foco de resistência negra do Brasil colonial” (SABOTA, 2017).

Ao ser indagado sobre seu trabalho, o autor salienta que *Palmares* vai além da representação redutora de um quilombo que viveu em torno da figura de Zumbi. As diversas investidas da Coroa, arregimentando mercenários, interferindo e propondo acordos com outras lideranças, procurava dividir e enfraquecer a resistência dos aglomerados rebeldes, indicando seu elevado grau de organização. Soma-se a isso o fato de esta forma de divulgação da história ser um modo de afirmar o protagonismo dos negros, recusando a discriminação e a subcidadania como legados desse período. “*Palmares* é uma história em que os protagonistas são protagonistas negros. Homens e mulheres procurando ali mais autonomia sobre suas vidas” (D’SALETE, 2017c). A busca desse protagonismo afirma um quadro reflexivo cujas expectativas só podem ser satisfeitas mediante a reversão de práticas discriminatórias, profundamente arraigadas na sociedade.

A descrição estética da obra não escapa ao olhar de Harion Custódio (2020), que descreve em pormenores efeitos e traços que compõem *Angola Janga*. No elogio à sensibilidade de D’Salete, Custódio chama atenção para o mundo “[...] das fazendas e engenhos de cana-de-açúcar, assim como as matas fechadas que serviam de abrigo àqueles que almejavam liberdade”. Na apreciação de Spinosa (2023), “[...] o trabalho é uma experimentação da poética das imagens que estimulam a nossa imaginação (inclusive para planejar aulas)”. A historiadora ressalta ainda o papel dos recortes de memórias, explorado no recurso de *flashbacks* que permeiam a narrativa.

Na crítica historiográfica, imbuída da produção de novos sentidos no campo da educação, percebe-se o trabalho como uma importante reflexão sobre o racismo e a escravidão. Ruan Silva (2023), apoiado na crítica elaborada por Evandro Braga (2012), trata a obra como um suporte imprescindível aos currículos formativos aplicados ao ensino de história. Em sua visão, *Angola Janga* permite novas experiências e diálogos com a realidade dos estudantes brasileiros. Trabalhar com a linguagem da HQ nas salas de aula é uma

atitude crítica a ser saudada, pois insere no contexto escolar uma ação contra-hegemônica para formação dos estudantes. Para Silva (2023),

[...] a mediação do docente enquanto agente intelectual na sociedade terá a capacidade de promover e instrumentalizar a transformação dos discursos subalternos de tantos jovens, negros periféricos e/ou marginalizados, sedentos por romper com a estrutura racista de nosso país [...].

Nas diferentes apreciações analisadas, o trabalho da memória foi celebrado no resgate de um tema e no protagonismo negro, atacado pelas forças reacionárias que lideraram o debate político. Mais do que um alento, *Angola Janga* se somou a outros esforços de diálogo e resistência com o tempo de retrocessos que experimentamos nos últimos anos. A reverberação do trabalho por vários campos modulados pela cultura midiática ressaltou o gesto de reconhecimento nele reivindicado, mas também a insubordinação consciente de uma parcela do Brasil que resiste às investidas retrógradas e racistas.

### Considerações finais

Ao longo desse percurso, apresentamos a HQ de D'Salete e seu propósito de resgatar uma memória revolucionária, não sem contradições, das populações afrodescendentes no período colonial. Na contramão do avanço de manifestações racistas e antidemocráticas da sociedade brasileira, *Angola Janga* retoma uma atitude crítica não só dos registros históricos, mas também de um discurso contemporâneo, situado em uma política de reconhecimento do povo negro. A obra é um completo gesto de insubordinação, não apenas pelo que trata e propõe, mas também pelo formato que aciona, desafiando percepções redutoras sobre o papel da HQ na relação com jovens e educadores. A recepção e a circulação da obra refletiram esses aspectos, destacando sua utilização como reforço de discursos e práticas afirmativas, sua política de reconhecimento e a inequívoca contribuição aos processos educacionais.

A utilização das HQ como recurso midiático pedagógico propõe uma formação crítica da realidade. Nesse caso, o uso dessa mídia é buscado para demarcar uma posição que contesta a visão colonizadora da história. O sentido que se propõe é crítico, porque subverte a perspectiva dominante da narrativa histórica e evoca manejos alternativos da cultura midiática, a serviço de uma mentalidade não capitalista. Ao produzir, difundir e fazer circular

uma produção cultural marcada por esta finalidade, o trabalho destaca a natureza pedagógica das práticas comunicativas. Embora elas sempre existissem, nem sempre essa dimensão da comunicação foi explicitada. Nesse sentido, *Angola Janga* é uma ação direta e contundente contra qualquer forma de dissimular seus objetivos. Ela se insere no ecossistema comunicativo, propondo valorizar a história e os movimentos que apelam pelo direito à cidadania da maior parte do povo brasileiro. Talvez isso tenha facilitado sua leitura, interpretação e circulação em diferentes vertentes, mas nenhuma delas tergiversou sobre seus intentos.

### Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda (org.). *Mediação e Midiatização*. Salvador: Edufba, 2012.

COSTA, Alan Bonner da Silva; SILVA, Edson Pereira. Níquel Náusea vai à escola: usos dos quadrinhos em sala de aula. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ano 19, n. 2, jul./dez. 2014.

CUSTÓDIO, Harion. Angola Janga: quadrinho e representação histórica. *Lieterafro*, Belo Horizonte, 30 nov. 2020.

D'ANGELO, Helô. Graphic novel 'Angola Janga' é retrato de Palmares sem idealização. *Revista Cult*, São Paulo, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/graphic-novel-angola-janga-palmares/>. Acesso em 13 fev. 2019.

D'SALETE, Marcelo. *Angola Janga: Uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta, 2017a.

D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2017b.

D'SALETE, Marcelo. Angola Janga: a resistência de Palmares em quadrinhos. [Entrevista]. *Carta Capital*, São Paulo, nov. 2017c. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/angola-janga-narra-resistencia-de-palmares-em-quadrinhos/>. Acesso em 20 mar. 2019.

D'SALETE, Marcelo. 'Desigualdade tem relação com passado escravocrata', diz vencedor do Eisner. [Entrevista cedida a] Luciana Console. *Brasil de Fato*, São Paulo, jul. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/29/desigualdade-tem-relacao-com-passado-escravocrata-diz-vencedor-do-eisner/>. Acesso em 20 mar. 2019.



D'SALETE, Marcelo. Marcelo D'Salete e seu Angola Janga. [Entrevista cedida a] Bernardo Aurélio. *Quinta Capa*, São Paulo, jan. 2019. Disponível em: <http://quintacapa.com.br/entrevista-marcelo-dsalete/>. Acesso em 12 fev. 2019.

FOUCAULT, Michel. O que é a crítica? Crítica e Aufklärung. *Espaço Michel Foucault*, Brasília, 1990. Disponível em: [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault). Acesso em 10 nov. 2020.

GONÇALO, Junior. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2003.

MOYA, Alvaro.; MOURA. *Zumbi dos Palmares: Edição Comemorativa dos 300 anos de Zumbi dos Palmares*. Betim: Prefeitura Municipal, 1995.

NALIATO, Samir. Conheça as histórias em quadrinhos aprovadas no PNLD Literário 2018. *Geledés Instituto da Mulher Negra*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cumbe-angola-janga-e-carolina-sao-aprovado-no-plano-nacional-do-livro-didatico-literario-2018/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. *Carolina*. São Paulo: Veneta, 2016.

O QUADRINISTA. Alumni em destaque: Marcelo D'Salete. *Alumni USP*, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.alumni.usp.br/alumni-em-destaque-marcelo-dsalete/>. Acesso em 13 jun. 2022.

SABOTA, Guilherme. 'Angola Janga', graphic novel de Marcelo D'Salete, é um épico que refaz a trajetória de Palmares. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 2017. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,angola-janga-graphic-novel-de-marcelo-dsalete-e-um-epico-que-refaz-a-trajetoria-de-palmares,70002096180>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: O advento do pós-humano. *Famecos*, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, 2003.

SERELLE, Marcio. Reconhecimento como categoria de crítica cultural. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 16, n. 1, 2019.

SILVA, Ruan. Educação antirracista. Resenha de Ruan Kleberon Pereira da Silva sobre "Leitura de HQ Angola Janga no ensino de história: uma reflexão sobre o racismo e a escravidão", de Evandro José Braga. *Crítica Historiográfica: resenhando livros e dossiês de artigos de história*, Natal, v. 3, n. 9, jan./fev. 2023. Disponível em: <https://www.criticahistoriografica.com.br/educacao-antirracista-resenha-de-leitura-da-hq-angola-janga-no-ensino-de-historia-uma-reflexao-sobre-o-racismo-e-a-escravidao-de-evandro-jose-braga/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SPINOSA, Vanessa. Mocambo em HQ – Resenha de Vanessa Spinosa (UFRN) sobre “Angola Janga, um convite à liberdade”, de Marcelo d’Salet. *Resenha crítica*, Natal, 2023. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br/todas-as-categorias/mocambo-em-hq-resenha-de-vanessa-spinosa-ufrn-sobre-angola-janga-um-convite-a-liberdade-de-marcelo-dsalete/>. Acesso em: 27 mai. 2023.

TERTO, Amauri. Angola Janga: A HQ que propõe um novo olhar sobre a resistência negra de Palmares. *Hufpost*, Brasil, 2017. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2017/12/08/angola-janga-a-hq-que-lanca-um-novo-olhar-sobre-a-resistencia-negra-de-palmares\\_a\\_23301960/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/12/08/angola-janga-a-hq-que-lanca-um-novo-olhar-sobre-a-resistencia-negra-de-palmares_a_23301960/). Acesso em 13 fev. 2019.

submetido em: 22 jun. 2023 | aprovado em: 23 jun. 2023